

Processo de Ensino-aprendizagem na formação musical de pessoas com deficiência visual: um olhar sobre o projeto de extensão Esperança Viva

Jhon Kleiton Santos de Queiroz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
kleitonmusica@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este artigo tem por finalidade compreender o processo de ensino-aprendizagem na formação musical de pessoas com deficiência Visual, por meio das ações do projeto de extensão Esperança Viva, o qual é vinculado à EMUFRN - Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tendo em vista o papel que a Universidade tem em dialogar com os interesses da sociedade, o projeto cumpre com este propósito promovendo o acesso de pessoas com necessidades educacionais especiais à formação básica em música e à oportunidade de estas ingressarem futuramente na graduação. Valendo-se disso a figura do educador musical torna-se essencial para a formação dessas pessoas do mesmo modo que as experiências obtidas ainda enquanto alunos da licenciatura trazem um retorno significativo para a sua área de atuação, desenvolvendo um pensamento mais crítico acerca da inclusão, servindo como estímulo para pesquisa e debates dentro dessa área. O trabalho segue apresentando alguns desafios enfrentados pelos envolvidos no projeto que surgem ao longo do processo, bem como as contribuições em lecionar música dentro da perspectiva inclusiva. Como Metodologia foi realizada uma pesquisa documental, tendo como referência os materiais teórico-metodológicos do projeto de extensão, e entrevistas semiestruturadas com um aluno com deficiência visual, um aluno da Licenciatura atuando como monitor e a Coordenadora Geral do projeto. Por fim, como resultado deste estudo, espera-se criar uma visibilidade maior sobre projetos como o Esperança Viva, dentro do âmbito acadêmico, de forma que desperte o interesse de futuros educadores em relação ao processo ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência.

Palavras chave: Formação Musical; Educação inclusiva; Deficiência Visual.

Pensando na Universidade como uma instituição superior que dialoga com os interesses da sociedade, a Escola de Música da UFRN tem apresentado um forte compromisso nesse sentido. Dentre os vários projetos existentes nesta unidade acadêmica, o Grupo Esperança Viva, surge trazendo essa oportunidade, permitindo o livre acesso da comunidade externa, incluindo pessoas com necessidades educacionais especiais em seus cursos ofertados. O projeto tem se consolidado como uma ponte que liga os alunos com

necessidades educacionais da comunidade ao contexto acadêmico de forma social, promovendo a essas pessoas a oportunidade de serem incluídas na sociedade através do ensino da música, quebrando assim, os paradigmas ainda existentes que os perseguem ao longo dos anos. Portanto, este artigo tem como objetivo mostrar todo esse processo de ensino-aprendizagem na formação musical desses alunos que ganharam um novo olhar para seguirem suas carreiras acadêmicas dentro de uma perspectiva que antes não tinham de entrar em uma Instituição de ensino superior.

A metodologia para chegar aos resultados alcançados deste trabalho, foi através de uma entrevista semiestruturada com um aluno com deficiência visual, um aluno do curso da Licenciatura em Música, atuando como monitor do projeto e a coordenadora geral do projeto, onde todos mostraram quais são os seus maiores desafios enfrentados no projeto e quais são as maiores contribuições que o projeto oferece a eles? A partir disso foi feita uma pesquisa nos materiais metodológicos e tecnológicos que todos os envolvidos do projeto utilizam como referencia de ensino-aprendizagem.

Criado em 2011, na Escola de Música da UFRN, o projeto de extensão Esperança Viva, inicialmente, tinha por nome "curso de flauta doce para pessoas com deficiência visual", cujos participantes apresentavam desde baixa visão até a cegueira total.

Anualmente esse projeto vem sendo reformulado, o que antes se tratava de um curso voltado para o aprendizado do instrumento musical, como era o caso da flauta doce, hoje já são mais de dez instrumentos e diferentes modalidades: Musicalização, Canto, Saxofone, Violão, Contrabaixo Elétrico, Flauta Transversal, Piano, Percussão, Cello, bem como, a constituição de outros grupos como a Orquestra de Violões, o Coral Vivendo o Canto e a Banda Braille. Com o tempo, além da deficiência visual, o projeto começou a trabalhar com outras áreas da inclusão como o autismo e a síndrome de down. Desde o início, o projeto vem atuando com três linhas de frente, as quais, simultaneamente, afetam os participantes:

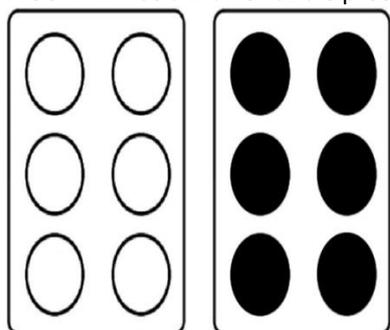
- Professores e alunos passam a desenvolver e ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem em música das pessoas com deficiência visual;
- Os membros da comunidade externa que tem deficiência visual, cada vez mais, percebem a área de música não apenas como campo de expressão, mas de formação profissional;

➤ O público que tem assistido as apresentações reflete sobre as possibilidades de todas as pessoas, desmistificando preconceitos ainda existentes sobre o fazer artístico-musical das pessoas com deficiência.

Além do estudo do instrumento a pessoa com deficiência visual recebe toda a assistência através dos monitores que são os próprios alunos da graduação. O curso é dividido por turmas de acordo com os níveis dos alunos e são oferecidas aulas que vão desde o aprendizado do instrumento às aulas de percepção musical, harmonia e em especial o estudo da musicografia Braille, onde o aluno cego tem o acesso ao estudo da música por meio desse sistema.

Vale salientar o quanto é importante ter uma ferramenta como o sistema Braille no cotidiano dessas pessoas visto que não são todas que possuem tal conhecimento, afinal quando se fala em Braille imediatamente nos remete a ideia de quem não enxerga, sabe ler e escrever utilizando desse método porque desde cedo lhes fora ensinado assim. Segundo Tudissaki (2015 p. 37) “o nível de acuidade visual pode variar, determinando dois grupos: o das pessoas cegas e o grupo das pessoas com baixa visão”. Com isso, a autora quer dizer que a deficiência visual pode ser adquirida ou congênita e independente dos dois casos, a pessoa tem o direito ao aprendizado dessa escrita. Na música, assim como em outras áreas do conhecimento, o ensino do braille por mais que seja universal tem as suas especificidades. A musicografia é ensinada logo após o aluno compreender a distribuição dos pontos de uma cela braille. Conforme a figura 1 mostra abaixo, cada cela braille é apresentada como um retângulo vertical, sendo compostas por círculos vazios e círculos preenchidos os quais representam os pontos em relevo no papel.

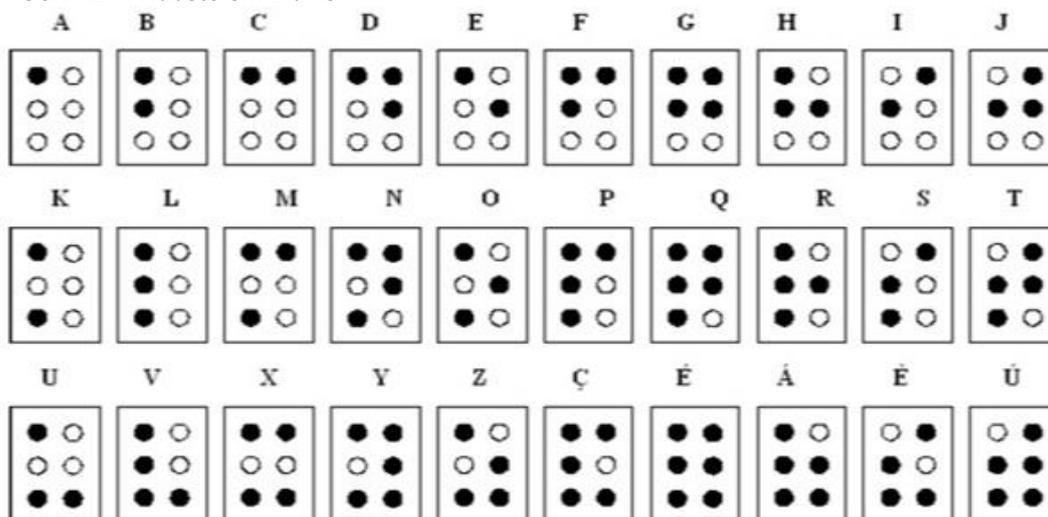
FIGURA 1 – Cela Braille vazia e preenchida



Fonte: Do autor

De forma que se possa facilitar o ensino da Musicografia Braille, primeiramente precisamos entender os códigos do sistema alfabético em Braille. As dez primeiras letras do alfabeto compreendem os dez sinais fundamentais que servem de base para os outros. Esses dez sinais também valem para os números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 0.

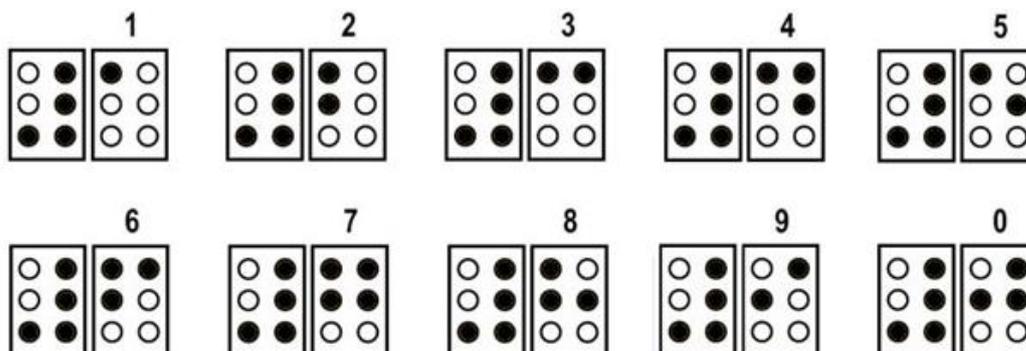
FIGURA 2 – Alfabeto em Braille



Fonte: Do autor

Sobre os números, são utilizadas duas celas Braille, sendo a primeira para indicar o sinal de número e a segunda, o próprio número.

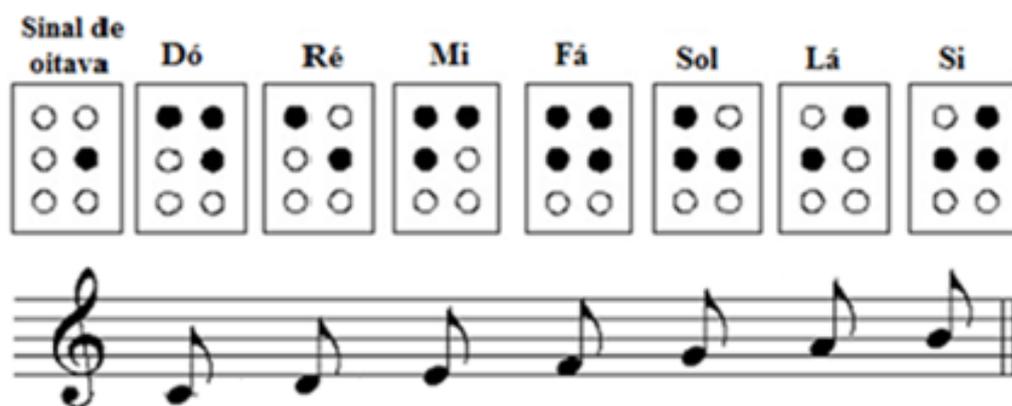
FIGURA 3 - Representação dos números em Braille



Fonte: Do autor

Para as notas musicais tomamos como base apenas sete letras do alfabeto, sendo elas: D, E, F, G, H, I e J, as quais em sua sequência representam as notas DÓ, RÉ, MI, FÁ, SOL, LÁ e SI em colcheias. Conforme mostra a figura 5

FIGURA 4 - Notas em colcheias



Fonte: Do autor

Ao aprender estes princípios básicos da Musicografia Braille, a pessoa com deficiência visual passa por um processo de aprendizado mais avançado, por meio do qual ela começa a compreender a linguagem musical como um todo, desde a percepção dos sons, formas musicais, estruturas sonoras e movimentos rítmicos. Com isso, o aluno aprende a pôr em prática todo o conhecimento adquirido com o instrumento musical de sua escolha. O trabalho desenvolvido pelo projeto traz um retorno bastante positivo que se torna indispensável no que se refere à inserção social e cultural dessas pessoas. Através das apresentações musicais, elas podem mostrar suas habilidades a partir do que lhes foi ensinado e suscitar na sociedade um olhar diferente, sobretudo, da capacidade de desenvolver qualquer atividade independente de suas características sensoriais.

Ensinar para aprender: O processo de ensino aprendizagem no projeto Esperança Viva

Tendo em vista que a Extensão Universitária permite ao estudante de Licenciatura a oportunidade de exercer a prática da docência, podemos refletir sobre as contribuições que o projeto traz aos alunos ainda em formação. É importante lembrar que de um modo

geral o papel do professor não consiste apenas em transmitir conhecimentos. Freire (1996) ressalta que

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.12)

Pensando na perspectiva inclusiva, o ato de ensinar torna-se muito mais desafiador, mas ao mesmo tempo desperta no educador uma visão mais humana do outro. Infelizmente o fato de se pensar em trabalhar com a educação de pessoas com necessidades especiais, na maioria das vezes, cria um bloqueio por parte de alguns educadores e da sociedade no geral. Um dos motivos que os leva a ter essa resistência é a falta de preparo das universidades em atender uma necessidade tão urgente como essa.

Tomando aqui como exemplo a Escola de Música da UFRN, esta passou a ofertar nos cursos da graduação, algumas disciplinas voltadas para a área da inclusão, as de Música e Educação Especial, Musicografia Braille I e II, além de promover encontros e eventos com o intuito de chamar atenção dos estudantes e professores a fim de criarem interesse na área. Graças a isso, o grupo Esperança Viva, passou a ter mais visibilidade atraindo pessoas para atuar dentro do projeto e de fato é perceptível o seu crescimento pela quantidade de monitores voluntários envolvidos. Alunos da licenciatura que passaram a conhecer de perto a realidade de pessoas com necessidades educacionais especiais e que se descobriram atuando na área.

Das aulas do projeto

Toda semana professores e monitores juntamente com a coordenação se reúnem para planejar o conteúdo a ser ministrado. As aulas por sua vez acontecem em dias específicos sendo divididas por turmas onde todos os alunos passam por um processo de avaliação a cada semestre para verificar se podem avançar ou não o nível de aprendizado. Nas turmas iniciantes, o aluno que não sabe ler o braile é orientado pelo monitor que utiliza de ferramentas didáticas e pedagógicas criadas especificamente para facilitar seu

entendimento. Ou seja, o ato de ensinar ao qual Paulo Freire se refere, tem a figura do professor como um facilitador que deve ter a consciência sobre para quem se está ensinando. Essa troca de experiências entre professor/aluno não deve ter somente esse caráter bancário, em que o professor está ali apenas para cumprir seu papel em ensinar e o aluno em receber. Um depende do outro, mas ambos estão ali dividindo um mesmo espaço, aprendendo a conviver e a lidar com suas limitações enquanto seres humanos.

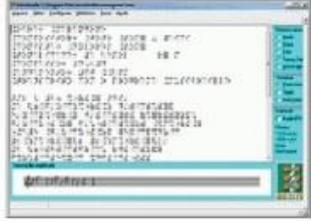
Dos recursos metodológicos e tecnológicos

Apesar de haver uma escassez significativa de materiais voltados para o ensino de música para pessoas com deficiência Visual, há algumas referências de educadores especialistas, que servem de base para todo e qualquer professor que se interesse em trabalhar com essa área da inclusão. O Instituto dos Meninos Cegos, (hoje Instituto Benjamin Constant), apresenta os principais materiais desenvolvidos para o uso do sistema Braille.

No instituto, os estudantes praticavam a transcrição dos textos utilizando as *Reglettes*. Os alunos mais habilidosos liam com a mão esquerda e ao mesmo tempo copiavam usando a direita. Com relação aos livros em Braille, estes tinham bastante valor, visto que os próprios alunos recebiam obras escritas em Braille como prêmio pela dedicação. (CERQUEIRA, 2009, [s/p]).

Um material também bastante utilizado para as aulas de Musicografia Braille é o livro da Dolores Tomé. Publicado no ano de 2003, em São Paulo, ele contém noções básicas da escrita em Braille e suas aplicações à música. Além desses materiais, podemos citar algumas das principais ferramentas utilizadas em sala pelos monitores do projeto. São eles: O Braillito, a reglete e o punção; as máquinas de datilografia Braille ou maquina perkins; a impressora Braille computadorizada e Display Braille (linha Braille) e o software Musibraille, conforme mostra o quadro abaixo:

FIGURA 5 - Quadro de Ferramentas metodológicas

Brailito	Reglete e Punção	Impressora Braile
		
Maquina Perkins	Musibraile	Dispositivo Linha Braille
		

Fonte: Do autor

Apresentação e análise dos Dados

Como procedimento da coleta de dados foi feita uma pesquisa documental sobre os materiais teórico-metodológicos que serviram de base para este trabalho e realizada também uma entrevista semiestruturada com um aluno com deficiência Visual, um aluno da licenciatura que atua como monitor do projeto Esperança Viva, e a coordenadora geral do projeto. Para cada entrevistado foram levantadas duas questões distribuídas em duas categorias: (1) Quais os desafios enfrentados por eles junto ao projeto e (2) quais as contribuições que o projeto trouxe/traz para a vida pessoal/profissional deles.

1- Os desafios enfrentados

É fato que quem lida diretamente com a educação inclusiva sabe dos desafios que surgem ao longo do caminho. Ensinar pessoas já não é tarefa nada fácil. Tratando-se de pessoas com algum tipo de deficiência, imediatamente se cria uma barreira que impede as pessoas de enxergarem a necessidade do outro e o pior, as distanciam de uma possibilidade real de convivência. O ensino de música para pessoas com Deficiência visual

dentro do projeto de extensão abre portas e possibilita uma mudança de vida nos envolvidos, seja em alunos, professores e toda a comunidade externa. Porém, como foi dito, problemas e dificuldades sempre irão surgir. Para auxiliar na fundamentação desta pesquisa, foram feitas entrevistas com três pessoas atuantes no projeto.

A primeira delas é um aluno com Deficiência Visual. Segundo ele, o projeto trouxe e traz muitos benefícios, mas há alguns desafios sobre o aprendizado da escrita em braile como é o caso do uso do software 'Musibraille', através do qual é possível criar e transcrever partituras em braile. É importante aqui ressaltar o papel do educador que deve estar apto para sanar toda e qualquer dúvida que surgir, considerando sempre o ritmo de aprendizado do aluno. No caso da escrita em braile, ter um instrutor que o acompanhe em cada etapa do processo fará ele se sentir mais seguro para realizar as atividades propostas. Bonilha (2006) acredita que

Em posse dos fundamentos da musicografia braile, o aluno se sente livre e independente para assimilar toda e qualquer partitura e para escrever músicas com total autonomia. É essa sensação de liberdade que pode leva-lo a se dedicar cada vez mais ao aprimoramento das habilidades ligadas à escrita musical. (BONILHA, 2006, p. 15)

Outro desafio citado pelo mesmo aluno é "ler a partitura em braile em razão não só da deficiência visual, mas também em razão da diabética que deixa os dedos adormecidos". É fato que a pessoa com deficiência visual precisa de uma referência para ter acesso à escrita, seja ela em alto relevo no papel, ou como em muitos casos, ter a fonte das letras aumentadas para quem apresenta baixa visão. Porém para casos em que o aluno perde a sensibilidade dos dedos, faz-se necessário que o professor pense em formas e estratégias de ensino que solucione esse problema. Graças ao desempenho da equipe de monitores, juntamente com a coordenação do Projeto, situações como essas já não são vistas como empecilhos, afinal são realizadas reuniões periódicas para planejar e ver a possibilidade de confeccionar materiais didáticos em braile que facilitam o aprendizado do aluno mesmo em situações como essas em que ele perde a sensibilidade do tato devido à diabetes.

Como já foi abordado anteriormente, um fator que geralmente surge como obstáculo para o ensino de pessoas com deficiência visual é antes de tudo a falta de

interesse das pessoas em tomar conhecimento da educação inclusiva devido ao receio de enfrentar ou lidar com os desafios dessa área de modo que os tirem de sua zona de conforto. Infelizmente esse é um pensamento comum que faz parte da nossa realidade. Na escola de música da UFRN, há muitas pessoas que sabem da existência do projeto, mas não apoiam ou abraçam a causa, o que comprova que há apenas uma minoria preocupada em atender pessoas com necessidades educacionais especiais. Sobre essa falta de apoio a Coordenadora do projeto e professora Catarina Shin, explica:

São poucos os que acreditam nesse ideal e, por isso mesmo, não buscam a melhoria de sua atuação pedagógica que contemple e permita a construção de conhecimento de todos os seus alunos. Em relação ao apoio institucional (no que se refere à liberdade e incentivo para que continuemos esse trabalho a nível de extensão), não tenho do que reclamar. No entanto, sinto falta do “apoio” dos colegas, no que se refere ao envolvimento nos projetos e na atuação em sala de aula onde tem alunos com deficiência matriculados em suas disciplinas dos cursos regulares. (SHIN, 2018)

É pensando nesses desafios, que as disciplinas de música e educação especial e Musicografia Braille existentes na grade curricular do curso superior de Música na UFRN, servem como um alicerce de preparação para os alunos da graduação que não tem o menor conhecimento sobre o assunto, de maneira que através das aulas possam compreender um pouco do que envolve a educação especial e a aplicação da música no ensino das pessoas com deficiência visual. Um exemplo disso é o monitor do projeto Isaac do Nascimento (2018) que contribuindo para a entrevista deste trabalho conta que o maior desafio que enfrentou ao iniciar no projeto foi “a falta de experiência com a musicografia Braille, tendo sido designado a trabalhar com a turma do terceiro nível na qual a maioria dos alunos já tem conhecimento e certo domínio sobre o braile”. Bonilha (2006) defende que

Frequentemente os professores não tem conhecimento sobre esse processo de leitura [...] uma vez que os educadores musicais desconhecem os mecanismos da leitura em braile, eles não se tornam aptos para desenvolverem nos alunos cegos as habilidades necessárias para a aquisição de fluência no uso da musicografia. (BONILHA, 2006, p. 16-17)

Embora os alunos da licenciatura não estejam totalmente preparados para assumir uma turma logo de início como foi o caso de Isaac é importante que eles vivam e sintam essa experiência de estar em uma sala de aula convivendo com outros colegas, mesmo que a princípio estejam apenas observando e aos poucos possam ir aprendendo as especificidades da musicografia Braille na prática e se inserir na equipe de forma mais concreta.

Um último e importante desafio que a coordenadora Catarina Shin (2018) acrescenta: “é fazer com que as pessoas com deficiência também acreditem que elas são capazes, que elas exerçam sua cidadania exigindo seus direitos, porém também cumprindo com seus deveres”. Essa é uma questão bastante relevante e que deve ser levado em conta principalmente porque muitas pessoas com deficiência visual também criam barreiras com elas mesmas e com os outros ao seu redor e isso é algo que deve ser quebrado através de uma conscientização geral.

2- Contribuições do Projeto Esperança Viva

Apesar dos desafios o projeto teve vários desdobramentos que se tornaram relevantes para todos os envolvidos de forma direta ou indiretamente, ou seja, trouxe pontos positivos para os alunos com deficiência visual, para os alunos da licenciatura que são monitores do projeto e para a comunidade externa que vê o resultado de todo o trabalho através das apresentações e dos frutos alcançados com esta iniciativa. Entre essas conquistas podemos destacar a realização profissional dos alunos através da música. Em suas palavras a professora e coordenadora do projeto Catarina Shin (2018) cita que eles têm nos projetos uma forma de aprender e se realizar através da música. Não é objetivo do projeto a profissionalização, mas alguns deles têm vislumbrado a possibilidade de ser profissional da música, como é o caso de Gessé Araújo, oriundo do projeto, formou-se no curso de licenciatura, foi aprovado em concurso público e hoje é professor de música da rede estadual de educação.

Além dele, outros dois alunos, a Paulinha Viviane e o José Silva, estão fazendo o curso de licenciatura em música e começando a ter uma experiência de ensino. Ainda dos alunos do projeto, o Juarez, o Gessé e a Jullyane, atualmente estão no curso técnico de

música, cada um se aprimorando em seu instrumento específico: Juarez, em Flauta Doce, Gessé, no Violão e Juliane, em Canto. Ainda segundo Catarina Shin, “O projeto tem permitido aos alunos concorrerem em pé de igualdade com as demais pessoas e eles tem adquirido aprovação nos testes de habilidade específica de música. Isso é muito positivo”.

A partir do momento que se cria uma conscientização nas pessoas sobre a convivência umas com as outras, as barreiras são quebradas e o fardo dos desafios torna-se mais leve. O aluno Cleyton Humboldt, deixa isso claro quando cita que “outra contribuição grande é a solidariedade que temos uns com os outros, não só com os alunos deficientes visuais, mas com todos que estudam na Escola de Música”. Valendo-se dessa afirmação pode-se dizer que a convivência com os alunos com deficiência tem sido bastante positiva, os monitores têm passado a enxergar a pessoa com deficiência como pessoa e não como deficiente, a perceber que as dificuldades, na maioria das vezes, vêm mais da própria cabeça, por causa dos anos e anos de ideias erroneamente pré-concebidas. O aluno ainda acrescenta que “um dos privilégios que se tem é poder participar do Coral Vivendo o Canto, onde a professora Cláudia Roberta, ensina um a um a passagem da letra e das vozes pacientemente”. Esse tipo de relação entre o professor e o aluno torna-se algo essencial que contribui na vida pessoal e profissional de ambos. Cruz (2010) chama atenção para este fato

Para isso, o educador tem que estabelecer uma relação de igualdade com seus educandos, suas ações e suas práticas tem que ser pautadas a partir do lugar social (contexto social), sendo indispensável ao educador/agente entrar em contato participante com a vida do povo ao qual está se trabalhando. (CRUZ, 2010, p. 3,4)

De acordo com o monitor Isaac Nascimento (2018) a experiência em estar à frente de uma turma de alunos com deficiência visual despertou nele um olhar diferente sobre o mundo ao seu redor, segundo ele o projeto Esperança Viva, o ensinou a ser mais humano “os alunos com deficiência visual me mostraram que precisamos confiar nas pessoas para poder seguir em frente, pois os mesmos confiam muito em nossa didática e nosso caráter”. Após essa afirmação o estudante finaliza sua entrevista acrescentando que atualmente almeja ser um educador mais completo como pessoa graças à oportunidade de trabalhar com a área da inclusão.

A professora e coordenadora do projeto de extensão Catarina Shin (2018) completa afirmando que “os alunos estão cada vez mais conscientes de seu papel de educadores. A educação não deve ser pensada para grupos específicos, nós educadores devemos estar preparados para todas as situações que se apresentarem” (SHIN, 2018). Vale salientar que com toda essa experiência, muitos alunos da licenciatura que passaram pelo projeto têm construído seus trabalhos de conclusão de curso na área da educação musical especial e inclusiva, tendo também apresentado trabalhos científicos em diversos eventos e se apropriado cada vez mais desse conhecimento. Sobre os resultados alcançados diante de toda essa discussão podemos notar a mudança de mentalidade atual da comunidade escolar: Pessoas com deficiência dividindo os mesmos espaços, convivendo e aprendendo com os outros ao seu redor e mesmo que o projeto dentro da EMUFRN ainda não tenha alcançado um patamar que todos almejam, o importante é que a luta será constante, ver pessoas se realizando através da música e melhorando como indivíduo traz de fato uma perspectiva bastante positiva a essas pessoas.

Considerações Finais

O exemplo de alunos com deficiência visual que iniciaram no projeto mal sabendo o braile ou que se viram perdidos no aprendizado de um instrumento musical e hoje estão cursando a licenciatura ou o técnico em música e dando aulas na rede estadual básica é prova de que quando se acredita e há a união de pessoas envolvidas em um mesmo propósito, não tem porque dar errado. Os desafios surgem, mas a luta continua.

Após breve discussão a partir do que foi apresentado na coleta de dados para este trabalho, faz-se necessário salientar que ainda permeiam obstáculos na área da educação especial e inclusiva, como a escassez de materiais relacionados à área, o que contribui para o receio dos educadores em se sentirem inseguros para ensinar bem como o seu olhar sobre as limitações, por exemplo, das pessoas com deficiência visual. Isto nos faz pensar no quanto algumas pessoas na sociedade ainda tem a mente fechada para questões como o direito à inclusão dessas pessoas em nosso meio. Em contrapartida, ter iniciativa como o projeto Esperança Viva, que trabalha no sentido de quebrar esses paradigmas e trazer uma conscientização para todos ao nosso redor, é algo bastante gratificante.

Por meio dele, os alunos se sentem cada vez mais realizados profissionalmente e como pessoas, acreditando cada vez mais em si mesmos e desenvolvendo um potencial que por muito tempo ficou adormecido, principalmente pela falta de oportunidade de mostrarem o que são capazes de fazer. A educação musical está fazendo mais sentido em suas vidas, provando que são e podem ser verdadeiros exemplos de superação. Para os futuros educadores musicais que atuam como monitores do projeto, essas experiências trouxeram mudanças no fazer musical e pedagógico deles que viram no projeto uma chance de sentir que podem contribuir para uma educação de qualidade, livre de preconceitos e paradigmas impostos pela sociedade, auxiliando também em suas buscas, reflexões e pesquisas na área de forma que em um futuro próximo possamos vislumbrar outra realidade educacional.

Referências

BONILHA, F.F.G. Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. 2006. 226 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

CERQUEIRA, J. B. O Legado de Louis Braille. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. esp., 2009.

CRUZ, B. P. A.; MELO, W. D. S.; MALAFAIA, F. C. B.; TENÓRIO, F. G. Extensão universitária e responsabilidade social: 20 anos de experiência de uma instituição de ensino superior. Revista de Gestão Social e Ambiental, v. 5, n. 3, art. 1, p. 3-16, 2010.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TUDISSAKI, Shirlei Escobar, 1982-Ensino de música para pessoas com deficiência visual / Shirley Escobar Tudissaki. – São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2015.